

A REINVENÇÃO DE DISCURSOS E A HISTÓRIA DA CRIANÇA NA LINGUAGEM

Carmem Luci da Costa Silva¹

RESUMO: Este artigo busca responder à seguinte questão: *como a criança se historiciza em sua língua materna para se fundar na dupla natureza (individual e social) dessa língua?* Partimos da formulação de Silva (2009, p. 286) de que a criança produz uma história de enunciações, por meio da qual se instaura em sua língua materna e no sistema de representações de sua cultura para se estabelecer como sujeito de/na linguagem. Essa formulação, neste texto, recebe embasamento na teorização de Benveniste (1966/1995; 1974/1989) sobre linguagem e nos deslocamentos dessa teorização operados por Agamben (2008) em sua *Teoria da Infância* e por Dessons (2006) em sua discussão sobre a *invenção do discurso*. Considerando que a língua atualizada em discurso se mostra como interpretante do sistema cultural, buscamos, por meio da análise de fatos enunciativos de uma criança acompanhada longitudinalmente, refletir sobre o modo como essa criança se inscreve em seu sistema linguístico-cultural e inaugura a sua infância na linguagem, lugar que a possibilita historicizar-se como sujeito de sua linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da Linguagem. Enunciação. Discurso. Cultura. História.

ABSTRACT: This work aims at answering the following question: *How does a child historicize itself in its native language in order to be founded on the double character (individual and social) of this language?* We assume the formulation developed by Silva (2009, p. 286) which states the child creates a history of enunciations. By means of this history, the child puts itself in its native language and in the representation system of its culture as to establish itself as subject of and in language. On this text, the formulation is based on Benveniste's theorization (1966/1995; 1974/1989) on language and on its movements developed by Agamben (2005) in his *Theory of Childhood* and by Dessons (2006) in his discussion on the *invention of discourse*. Considering that language turned into discourse is seemed as the interpreter of a cultural system, we intend to discuss the way this child puts itself on its linguistic and cultural system and unveils its childhood in language through the analysis of a child's longitudinal enunciative acts. The childhood allows the child to historicize itself as subject of its language.

KEYWORDS: Language Acquisition. Énonciation. Discourse. Culture. History.

1. Palavras iniciais

A constatação de que o homem não nasceu falante, mas que tem uma potência para tal, marca o processo de aquisição e inaugura a infância de cada falante como possibilidade de se historicizar, a partir de seus discursos, na linguagem.

Tal constatação encaminha-nos a pensar no modo como a criança, por nascer na cultura (BENVENISTE, 1966/1995; 1974/1989), historiciza-se na linguagem, visto ter de, a cada ato de enunciação, deparar-se com a transformação radical da língua, ainda em aquisição, em discurso. Em Silva (2009, p. 286), formulamos uma explicação para o processo de aquisição da linguagem sob um enfoque enunciativo: *A criança produz uma história de*

¹ Docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. clcostasilva@hotmail.com

suas enunciações, por meio da qual constitui sua língua materna e o sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de/na linguagem.

Essa formulação, neste texto, é retomada para ser redimensionada a partir de dois deslocamentos da reflexão benvenistiana sobre linguagem: a *Teoria da Infância*, proposta por Agamben (2008), e a *Invenção do Discurso*, teorizada por Dessons (2006), visto ambos enfatizarem a importância da reflexão de Benveniste sobre linguagem por tratar o discurso como lugar em que o homem e a linguagem encontram seu ponto de indissociabilidade. Para Agamben (2008), experienciar-se na linguagem é reentrar na infância como o lugar de hiato entre língua e discurso, espaço necessário para o homem poder fazer a passagem de locutor a sujeito. Nesse sentido, a infância não está localizada em um tempo “antes” da linguagem, mas se situa justamente na cisão e na diferença entre língua e discurso. Por isso, torna-se interessante refletir sobre o modo como cada homem instaura o lugar dessa diferença e dessa passagem, lugar que nos parece ser inaugurado na passagem de *in-fans* (de quem não fala) a falante, momento em que a criança se inscreve em sua língua materna por meio de seu ato de aquisição da linguagem.

Dessons (2006) defende que a enunciação funda a historicidade do homem na linguagem, já que cada falante se individualiza na instância de discurso sempre nova e irrepetível. Isso porque o discurso, conforme Benveniste (1966/1995; 1974/1989), é o acontecimento diferente que dá existência, a cada ato de enunciação, ao sujeito, fundando-o em sua linguagem. Refletir sobre o processo de aquisição nessa perspectiva é situar-se nessa dimensão da infância do homem e de historicidade da linguagem para tratar cada experiência de enunciação como instauradora de uma história da criança na linguagem. Neste movimento de reflexão, a partir das relações homem-linguagem/língua-sociedade/cultura implicadas no ato de enunciação, emerge o problema da significação, centro de uma teoria enunciativa de aquisição da linguagem, pois, antes de qualquer coisa, a linguagem significa. Por isso, a significação atribuída pela criança e pelo outro de suas interlocuções à experiência humana inscrita na linguagem, nas relações enunciativas, é o que lhe permite historicizar-se em sua língua materna para se fundar na dupla natureza (individual e social) dessa língua. Trata-se do “viver” instanciado pela “inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 1974/1989, p. 85). *Como a criança se historiciza em sua língua materna para se fundar na dupla natureza (individual e social) dessa língua?* Essa é a questão que o presente artigo busca responder a partir de uma abordagem enunciativa de linguagem.

2. As relações de interpretância e a experiência da criança na linguagem

A relação que o homem estabelece com o mundo e com o outro somente é possível pela linguagem por meio de relações de interpretância, em que a língua figura como sistema interpretante por excelência de outros sistemas porque comporta, conforme Benveniste (1974/1989), em sua estrutura e em seu funcionamento, quatro aspectos: 1) a possibilidade de manifestação pela enunciação para constituir referência a uma situação dada; 2) unidades em relação; 3) os valores partilhados pelos membros de uma comunidade e 4) o lugar de atualização da comunicação intersubjetiva.

Como, nas palavras de Benveniste (1974/1989, p. 97), a língua representa “uma identidade em meio às atividades individuais”, apresenta uma dupla natureza paradoxal: “ao mesmo tempo imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade”. E complementa: “Essa dualidade se reencontra em todas as propriedades da linguagem”. Disso resulta que, ao englobar a sociedade, a língua apresenta o que o autor chama de um “semantismo social”, que

permite a ela, quando colocada em atividade na enunciação, fazer emergir “a variação da referência na estabilidade da significação” (1974/1989, p. 100). Se há, de um lado, um valor significativo das unidades da língua, o que garante sua estabilidade de significação, há, de outro lado, a singularidade da referência que se constitui em cada discurso enunciado. Entre a estabilidade de significação da língua, que carrega valores culturais, há a variação da referência nos discursos, variação que, conforme Dessons (2006), possibilita ao homem inaugurar um acontecimento novo para constituir sua historicidade radical na linguagem.

A questão da significação está no centro de uma abordagem enunciativa de aquisição da linguagem, abrangendo as duas modalidades fundamentais da função linguística: a de *significar* (universo do signo) e a de *comunicar* (universo do discurso). Essas duas modalidades de significação da linguagem estão presentes nas relações enunciativas da criança com o outro e envolvem duas interrogações implicadas nas relações enunciativas: 1) qual é o sentido na língua? e 2) Tem sentido no discurso? Essas interrogações, para Benveniste (1974/1989), enviam a duas grandes propriedades de uso da língua: o *reconhecimento* e a *compreensão*.

Para que a criança tenha a possibilidade de constituir a comunicação intersubjetiva na sua cultura, torna-se fundamental, de um lado, ser reconhecida como um falante produtor de referências para o outro, o que envolve a compreensão de seu discurso na dimensão da significância relacionada ao *comunicar*, e, de outro lado, ter as suas formas enunciativas reconhecidas como pertencentes à língua ou como uma potência para tal, dimensão da significância vinculada ao *significar*.

É através da língua em emprego que o homem manifesta o simbolismo cultural em que se encontra imerso, o que faz Benveniste (1974/1989, p.24) reiterar que a língua é “um mecanismo de significação”, já que é por meio dela que se enlaça o sistema cultural com o sistema da língua, pois, como afirma: “tudo que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistema de valores. Da articulação entre valores. (...) Esses valores são os que se imprimem na língua”. (BENVENISTE, 1974/1989, p. 22). Se pensarmos que há valores culturais que se imprimem na língua, ao dela se apropriar para convertê-la em discurso, o locutor carrega os valores culturais já impressos nessa língua. Nesse caso, cabe levantarmos a seguinte interrogação: *como a criança se apropria da linguagem, por meio de relações de interpretância dos valores culturais impressos na língua em emprego, para produzir um saber e se instaurar como sujeito de/na linguagem?*

Pensar o estatuto da cultura no ato de aquisição da linguagem encaminha-nos a discutir como um saber e uma experiência na linguagem são produzidos e nos leva a dialogar com o filósofo Agamben (2008), que defende, a partir da leitura da obra de Benveniste, a cisão entre língua e discurso como possibilidade de produção de um saber e de uma história na linguagem, conforme vemos em suas palavras:

um ser que já fosse, portanto, sempre falante e estivesse sempre em uma língua indivisa, não existiriam conhecimento, nem infância, nem história: ele estaria sempre unido à sua natureza linguística e não encontraria em nenhuma parte uma descontinuidade e uma diferença nas quais algo como um saber e uma história poderiam produzir-se. (Prefácio à edição francesa de *Infância e história*, 2008, p. 14)

Se pudéssemos encontrar um momento em que houvesse homem sem haver linguagem, poderíamos dizer que ali estaria a experiência pura e muda. Agamben (*op. cit.*), valendo-se de Benveniste, mostra que isso não existe, visto que, por mais que voltemos no

tempo, sempre encontraremos um homem falando com outro homem. Nesse sentido, é a passagem da língua ao discurso que possibilita à comunicação intersubjetiva se refazer e se renovar na e pela linguagem, fundando uma nova experiência humana e (re)imprimindo, a cada ato enunciativo, valores culturais na língua-discurso. Para Dessons (2006), em Benveniste, a oposição natureza e cultura é revista, já que a linguagem não é da natureza, mas está na natureza do homem. Por isso, argumenta que a linguagem é definida no homem e o homem na linguagem.

Se a língua é interpretante da sociedade, conforme Benveniste, essa interpretância se mostra em sua conversão em discurso, já que, nessa conversão, sua significância funda “a possibilidade de toda a troca e de toda a comunicação, e também de toda a cultura” (BENVENISTE, 1974/1989, p. 60). Se enunciar é constituir referência a uma situação dada, produzir referência no discurso é realizar atos de interpretância das situações, em que a língua se realiza em ato nas distintas instâncias de cultura. Logo, é essa experiência humana inscrita na linguagem que possibilita à criança fazer renascer, a cada ato de enunciação, a sua experiência de estar na língua, que se reatualiza pela articulação do *semiótico* (mundo do signo e da língua) e do *semântico* (mundo da frase e do discurso), sendo possível, por essa reatualização, historicizar-se na linguagem, como nos lembra Agamben (2006, p. 68):

Somente por um instante, como os golfinhos, a linguagem humana põe a cabeça para fora do mar semiótico da natureza. Mas *o humano propriamente nada mais é que esta passagem da pura língua ao discurso*; porém este trânsito, este instante, é a história.

Com efeito, a enunciação é o tempo e o espaço em que a linguagem humana, parafraseando o filósofo, “põe a cabeça para fora do mar semiótico da natureza”. É esse momento de atualização das unidades da língua em palavras no discurso, que abre a possibilidade para a criança se instaurar na língua-cultura e se historicizar na linguagem. Para Dessons (2006), esse instante é a enunciação, visto ser por meio dela que o locutor reinventa discursos, que não existiam antes e que não se repetirão mais. É uma história que existe somente na instanciação do discurso e inscreve o sujeito nesse acontecimento, marcando o seu *viver* por meio da inserção de seu discurso no mundo. Como o sujeito se instancia como tal na enunciação de seu discurso, não há sujeito antes da enunciação; por isso, de uma enunciação a outra, o sujeito, que é de linguagem, constitui-se de novo. Aqui reside, para Dessons (*op. cit.*), o princípio de *reinvenção*, que comporta a historicidade da linguagem e do sujeito, visto a repetição não se produzir de modo idêntico. Nesse caráter radicalmente histórico, o locutor instancia-se como sujeito na linguagem ao reorganizar sem cessar o mundo (espaço e tempo) e, com isso, historiciza-se em seu próprio discurso.

Consideramos, a partir dessas proposições, a enunciação como um modo de semantização da língua-cultura, espaço em que cada um se apropria dos sentidos sociais de sua língua, reorganizando-os a sua maneira a cada *reinvenção* de discurso. Isso, conforme Benveniste (1974/1989, p. 21), recebe a seguinte formulação: “a apropriação da linguagem pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz, a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite.” Assim, no ato de converter a língua em discurso, vem “uma série de dados herdados” (BENVENISTE, *op. cit.*, p. 22), que são os valores culturais impressos na língua (semantismo social), o que faz o linguista defender o seguinte:

E se digo que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, é que toda criança e em todas as épocas, na pré-história e na mais recuada como hoje, aprende com a língua os rudimentos de uma cultura. Nenhuma língua é separável de uma função cultural. Não há aparelho de expressão tal que se possa imaginar que um ser humano seja capaz de inventá-lo sozinho. (...) A linguagem tem sempre sido inculcada nas crianças pequenas, e sempre em relação ao que se tem chamado realidades que são realidades definidas como elementos de cultura, necessariamente. (BENVENISTE, *op. cit.*, p. 23-24)

Seguindo as trilhas de Benveniste (1966/1995; 1974/1989) acerca do trinômio linguagem-homem-cultura, que, segundo Dessons (2006), insere a proposta benvenistiana em uma Antropologia da Linguagem, retomamos a argumentação de Silva (2007; 2009) sobre a dupla alteridade do homem na linguagem. Naquele momento, defendemos que, como uma língua não está separada de sua função cultural, a criança constitui duas alteridades: com o *tu* (outro da interlocução) e com o *ELE* (sistema de valores culturais). A partir disso, argumentamos que essas duas alteridades tinham estatuto diferenciado: o *tu* poderia ser descrito pela intersubjetividade constituída no diálogo que estrutura a enunciação e pelas formas marcadas do discurso; já o *ELE*, elemento cultural, constitutivo do nível de descrição linguístico-enunciativa, apontava a possibilidade de convocação de um campo exterior à enunciação para contemplar a relação da linguagem com aspectos que lhe são externos. No entanto, como os valores culturais estão impressos na língua, consideramos, neste artigo, ser possível redimensionar a questão dessa dupla alteridade e analisar a presença da cultura nas unidades linguísticas atualizadas a cada ato enunciativo a partir da língua manifesta nos discursos da criança e do outro, da verificação de como as formas se engendram e agem uma sobre as outras na sintagmatização do discurso e do sentido global de cada conversão da língua em discurso.

Nessa perspectiva, a subjetividade e a intersubjetividade da/na Aquisição da Linguagem estão vinculadas a sujeitos que se constituem, ao mesmo tempo, em uma instância cultural, porque imersos na cultura, em uma instância da alocação ou dialógica, porque constituem e são constituídos na esfera do diálogo e em uma instância linguístico-enunciativa, porque são sujeitos produtores de referências e de sentidos do/no discurso. Nessas relações, encontram-se as duas alteridades: a do *tu* (outro) e a do *ELE* (*outro*).

Através da linguagem, o homem manifesta um simbolismo cultural em que se encontra imerso, o que faz Benveniste (1974/1989, p.24) situar a língua como “um mecanismo inconsciente”, porque “é um mecanismo de significação” que mostra “a organização mental que resulta da experiência do mundo”.

Na verdade, o dispositivo enunciativo de aquisição da linguagem (*eu-tu/ele*)-*ELE*, formulado por Silva (2007; 2009), possibilita, de um lado, por meio de *eu-tu/ele*, a descrição da enunciação como ato (relações enunciativas) e como discurso (constituição referencial e intersubjetiva por meio de marcas formais), e, de outro lado, a consideração de um sistema de relações e valores culturais, inscritos no *ELE*, como instância constitutiva do ato de enunciar. Por meio da relação de alteridade com *ELE* (cultura), consideramos que a criança está na dependência de um *outro*, constituindo-se como sujeito de aquisição como efeito de linguagem.

Neste estudo, pretendemos explorar esse *ELE*, suspenso em estudos anteriores, como condição de a criança se historicizar na linguagem com os outros de sua relação para se fundar na dupla natureza da língua (social e individual) em *sua constante reinvenção de*

discursos a cada ato enunciativo. Vamos retomar essa história da criança na linguagem no item seguinte.

3. Das relações de interpretância: a criança reinventando discursos

Para tematizar o estatuto linguístico da cultura e refletir sobre como um saber linguístico-cultural é produzido pela criança, parece-nos essencial ultrapassar a análise intralinguística para ir em direção a uma nova dimensão de significância que comporta, de um lado, o discurso, vinculado ao que Benveniste (1974/1989, p. 67) denomina “análise semântica”, e, de outro lado, o que o autor denomina “análise metassemântica” que se constrói sobre a semântica da enunciação. Nesse segundo nível de análise, consideramos que se situa a dimensão de interpretância da língua-cultura a cada ato de conversão desse binômio em discurso, pois, nesse caso, apropriar-se da linguagem parece vincular-se a um duplo ato de apropriação: da língua enquanto sistema articulado de unidades e da língua-cultura, sistema de valores presentes em discursos atualizados nas diferentes relações enunciativas, atos esses que traduzem a história do homem/criança na linguagem. Nesse duplo ato, a língua comporta simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação.

Como a dualidade (imanência ao indivíduo e transcendência à sociedade) se reencontra em todas as propriedades da linguagem, conforme Benveniste (*op. cit.*), olhar para os fatos de aquisição, nessa perspectiva, é refletir sobre como a criança “apropria-se da linguagem e dos dados culturais que se considera que ela traduz.” (BENVENISTE, *op.cit.*, p. 22). Por distinguir o que tem sentido e o que não tem, a cultura manifesta-se no domínio semântico (no mundo do discurso), mas carregando os valores do domínio semiótico (o mundo do signo).

Destacamos aqui alguns instantes interessantes de relação da criança com a língua-cultura em seus atos de enunciação com o outro². Vamos a eles.

Recorte enunciativo 1³

<i>Participantes:</i>	FRA (criança), MAI (Maira, filmando); CAR (tia).
<i>Idade:</i>	1;10.17
<i>Situação:</i>	FRA está na casa da AVÓ, brincando com uma boneca e conversando com CAR e a AVÓ.
CAR:	ó os nenê aqui que tanto nenê!
FRA:	ai
CAR:	tanto nenê!

² Os recortes enunciativos presentes no estudo são de Francisca, criança acompanhada longitudinalmente dos onze meses aos três anos e quatro meses a partir filmagens quinzenais de, no mínimo, duas horas de interação livre com o adulto (mãe, pai, pesquisadora etc.) ou com outras crianças de seu convívio (irmãos, amigos etc.), recortes que fazem parte do estudo que desenvolvemos em Silva (2007).

³ Na transcrição, adotamos a seguinte convenção: um cabeçalho contendo os participantes da situação de enunciação, indicados pelas três letras iniciais do nome. Entre parênteses é explicitado o grau de parentesco com a criança. Os turnos de diálogo são indicados pelas três primeiras letras do nome de cada participante. FRA indica as iniciais da criança estudada (Francisca). Os comentários do transcritor sobre aspectos da situação da enunciação são indicados com a expressão “Com”. Entre colchetes [] são indicadas ações paralelas à fala e eventos não-linguísticos, como risos. A marca @ indica pausa breve, a marca @@@ indica pausa longa, e a indicação XXX refere-se a segmentos não apreendidos pelo transcritor. As letras maiúsculas marcam entonação ascendente e passagens sublinhadas indicam entonação descendente.

[...]
 FRA: vai naná cól nenê
 CAR: ãh?
 FRA: cól
 CAR: vai naná o nenê, vai pru carru?
 FRA: vai
 CAR: vai?
 FRA: cól
 CAR: ondi é que vocês vão?
 FRA: mi cól
 [...]
 Com: FRA caminha com a boneca até o quarto.
 FRA: tô aqui [= caminhando com a boneca nos braços]
 AVÓ: hein qui foi minha velha?
 FRA: tá nenê cól
 AVÓ: tá com nenê no colo
 FRA: tá

Recorte enunciativo 2

Participantes: CLA (babá); AVÓ e CAR (tia, filmando)
Idade: 1;11.13
Situação: FRA está na casa de sua AVÓ
 FRA: ligá aqui mamãe [= com telefone na mão]
 CAR: é?
 FRA: ligá aqui mamãe @@@ ligá aqui mamãe @ ligá @ [= discando] @
 hum oi mamãe [= brinca ao telefone, falando com a mãe] @ oi quiida! Oi
 quiida oi oi quiida ala quiida [= risos] oi gonha ai quiida ah hum? Oi oi
 quiiDA. Tudu bom @ quiida? Ah quiida ai quiida icença oi quiida oi tudo
bom quiida oi minha quiida tudo bom

Recorte enunciativo 3

Participantes: CAR (tia, filmando)
Idade da criança: 2;10.17
Situação: FRA está com a bolsa de CAR na mão.
 FRA: mas agóia eu vô pra Baxa quandu eu pegá éia ei ago a tua bolsa cuntigu
 CAR: tu vai dexá a minha bolsa cumigu né?
 FRA: é
 CAR: eu pricisu da minha bolsa
 FRA: mais mais
 CAR: pra ir trabalhá
 FRA: mais depois eu eu iqueci a tua bolsa e eu vô lá depois eu vô pedê a tua bolsa
 lá na Baxa
 CAR: ãh! Não @ não minha bolsa não pódi ir lá pra Baxa
 FRA: pu quê?
 CAR: puque ela só gosta de ir lá pra minha casa a minha bolsa me dissu hoji
 FRA: é?
 CAR: é
 FRA: e ela fala?
 CAR: fala [= risos]
 FRA: ãh?

CAR: só cumigu ela fala
 FRA: pu quê?
 CAR: [= risos] purqui ela fala
 FRA: e ela ondi ela fala?
 CAR: ãh? [= risos]
 FRA: ondi péta o botãozinho?
 CAR: ah ondi qui aperta o botãozinho?
 FRA: é
 CAR: pur que qui tu acha qui tem um botãozinho?
 FRA: a tua bosa não tem botãozinho?
 CAR: não
 FRA: pur quê?
 CAR: purqui não
 FRA: ela qué ir no meu cólu
 CAR: qué? [= risos]
 [...]
 FRA: dexa um poquinho tá [= levantando-se e deixando a bolsa e as chaves no piso da área] @ [= risos] a tua bosa a tua bosa falava qué ir no meu cólu
 CAR: a minha bolsa qué ir no teu cólu?
 FRA: uh
 CAR: ela te dissu issu?
 FRA: ãh hã
 CAR: comu é qui eu não ovi?
 FRA: comu é? A minha bosa ela a minha bosa vem no meu cólu
 CAR: vem?
 FRA: vem
 CAR: ela dissu issu?
 FRA: uh hu
 CAR: comu é qui eu não ovi?
 FRA: não oviu a minha bolsa?
 CAR: não
 FRA: e ela gritandu assim AI [= grita]
 CAR: [= risos]
 FRA: assim na tua casa
 CAR: é? @ Mas eu tô surda intão
 FRA: e aí depois e depois quilia no meu cólu e quilia ir pa tua casa e quilia ficá na tua casa [= risos]
 CAR: ãh! Qui bolsa danada @ quiria ficá lá em casa?
 FRA: é, a minha bolsa
 CAR: ah, eu achu qui ela quiria cunversá cum a minha bolsa intão
 FRA: ah mais a tua bolsa também qué cólu ela a tua bolsa diz assim pa tu/ pa minha: tu qué ir pa minha casa bolsa? A tua bolsa dizia assim quandu eu tava aqui na minha casa

Ao tratar a cultura como um conjunto complexo de representações organizadas por um sistema de relações e de valores, Benveniste (1966/1995; 1974/1989) considera a existência de um simbolismo que articula homem, língua e cultura em uma relação de integração necessária. Por isso, o autor questiona:

damos sentido a certos gestos, não damos nenhum sentido a outros, no interior de nossa cultura. É assim por quê? (...). A hierarquia, a ação recíproca destes valores, e conseqüentemente os modelos que são propostos, os objetos desejados, tudo isso se desloca no interior de nossa cultura (BENVENISTE, 1974/1989, p. 25, 26)

Com o argumento de Benveniste (1974/1989) de que “toda criança e em todas as épocas (...) aprende com a língua os rudimentos de uma cultura,” (BENVENISTE, *op. cit.*, p. 23), concluímos que é no domínio da língua em ação que o discurso engendrado pelo locutor mostra a função mediadora da linguagem com o mundo, já que a relação homem-homem é atravessada pela dimensão cultural, constitutiva dessa relação intersubjetiva.

Essa reflexão coloca no centro da discussão o mecanismo de semantização da língua, em que duas grandes questões, presentes na reflexão enunciativa de Benveniste, ganham relevo: *como o sentido se forma em palavras? Como o sentido se organiza?* Considerando que língua e cultura preexistem ao homem, trata-se de sistemas organizados e da criança como capaz de organizá-los no exercício do discurso com o outro. É o que vemos no recorte 1 em “vai naná cól nenê” e “tá nenê cól” em que, na relação com outro, ela reorganiza a sintagmatização das formas para constituir a referência no discurso com a ideia de que a boneca está em seu colo e não ela (criança) no colo da boneca.

Do lugar de enunciação preenchido às referências produzidas na língua-discurso pela criança e pelo outro, deparamo-nos com uma intersubjetividade centrada na condição de homem como sujeito de cultura e, por isso, o sistema de valores culturais, como constitutivo da relação, é transversal às relações enunciativas dos recortes: a menina representando o papel de mãe perante sua boneca, dando colo e cuidando”; a repetição de formas fáticas ao telefone (“oi quiida?”, “tudo bom quiida?”) como preenchimento de um lugar enunciativo que atualiza valores culturais com um sentido que vai além da atualização de referência no discurso para o outro (*tu*), fatos que evidenciam uma relação de alteridade com a sua cultura (*ELE*). Esse faz de conta de conta da criança mostra a sua inscrição no sistema simbólico de valores culturais e a possibilita explorar o funcionamento intersubjetivo e referencial em toda sua complexidade ao se deparar com o fato de que uma bolsa pode falar (“E ela fala?”) para buscar solução para esse fato: “Ondi péta o botãozinho?”. Por estar se instaurando em um sistema de valores culturais (*ELE*) em que para algo/alguém não humano emitir sons há existência de botões, a criança endereça uma interrogação, que carrega os “rudimentos” de uma cultura tecnológica já impressos em sua língua. Por isso, suscita uma resposta do outro (*tu*) para poder continuar a referir no fio do discurso e estabelecer a comunicação intersubjetiva por meio de uma realidade discursiva que toma o enunciar como possibilidade para criar um mundo imaginário.

É no exercício do discurso que a criança experiencia novas situações na linguagem, como a de dar voz a uma bolsa e a de perceber a possibilidade de representar uma dada realidade para brincar com o próprio ato de enunciar ao simular um mundo no discurso, quando enuncia o grito “Ai” de uma das bolsas e representa o diálogo entre as duas bolsas. Diríamos aqui que, mais do que a operação de semantização, está em jogo a operação de metassemantização, visto o discurso se refazer sobre o discurso, como em “ah mais a tua bolsa também qué cólu ela a tua bolsa diz assim pa tu/ pa minha: tu qué ir pa minha casa bolsa? A tua bolsa dizia assim quando eu tava aqui na minha casa”. Com isso, atesta a reflexividade enunciativa como uma operação em que toma o discurso como um modo de ação para atestar seu *fazer-com* a língua.

Considerando com Benveniste (1966/1995) que é o símbolo que prende o elo vivo entre o homem, a língua e a cultura, diríamos que é o símbolo que estabelece o elo entre a criança, a língua convertida em discurso e a cultura. O fato de “boneca”, “telefone” e “bolsa”

terem um determinado valor simbólico e uma estabilidade de significação em nossa sociedade e terem saído do “mar semiótico” por meio de formas atualizadas no discurso como “nenê”, “ligá” e “bolsa” é que possibilitou à criança continuar atualizando determinadas formas para sintagmatizar palavras e relacionar “nenê” a “cól” e “ligá” a expressões fáticas de cumprimento presentes em conversas telefônicas, como “oi quida”, “tudo bom quida?”, e se surpreender com o discurso de seu alocutário que dá voz para uma bolsa (“e ela fala?”) para depois passar a simular também a fala da bolsa. Esses elementos remetem-nos à formulação de Benveniste (1974/1989, p. 27) de que “não produzimos a língua fora de certos quadros, de certos esquemas (...)”. Como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica.

Assim, vemos a instância de discurso constituindo o ato e concomitantemente fundamentando o sujeito em seu movimento singular de apreensão do sistema da língua (*ele*) e do sistema cultural (*ELE*). Da constituição de um lugar para se enunciar com formas enunciativas que atestam um não-saber sobre a língua, o locutor-criança, ajustando os sentidos com o seu alocutário na enunciação, passa a constituir formas da língua na sintagmatização do discurso. Isso faz do lugar de enunciação concedido pelo outro à criança a condição de ela se constituir na infância do homem na linguagem, conforme Agamben (2008), e a reviver, a cada inserção do discurso do mundo, a passagem do semiótico (universo do signo) ao semântico (universo do discurso) para, nessa reinvenção (DESSONS, 2006), historicizar-se na linguagem e constituir, via discurso, relações de interpretância da cultura em que está inserida. É a criança na dependência do “semantismo social”, mostrando os sentidos das formas atualizadas em seu discurso como efeito de seu *habitar* na linguagem e estabelecendo, com isso, as duas relações de alteridade: com o outro (*tu*) e com a cultura (*ELE*).

Aqui demos uma pequena amostra de como a criança se instaura e se identifica no aparato específico de alguns símbolos de nossa cultura. Trata-se da aquisição do sistema cultural integrado ao sistema da língua para a criança se fundar na dupla natureza (individual e social) de sua língua.

4. Palavras finais

Ao longo da reflexão apresentada neste artigo, a partir de uma concepção enunciativa de aquisição da linguagem, procuramos refletir sobre o modo como a criança se historiciza em sua língua-cultura e entra na infância da linguagem por fundar-se na dupla natureza (individual e social) de sua língua materna.

A possibilidade de a criança se instaurar em sua língua materna está relacionada à faculdade humana de simbolizar, que se manifesta a cada reinvenção de discurso, lugar da passagem do mundo da língua ao mundo do discurso, condição para se fundamentar como sujeito e se historicizar em sua língua materna. É por meio das propriedades de *reconhecimento* e de *compreensão*, como fundamentos das relações homem-linguagem/língua-sociedade/cultura, que a criança, em sua história de experiência humana na linguagem via enunciações sempre renovadas, passa a se sentir como, e aqui retomamos Benveniste (1966/1995, p. 27), “o homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu”.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BENVENISTE, Émile (1966). Problemas de linguística geral I. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. (1974). Problemas de linguística geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DESSONS, Gérard. Émile Benveniste: l'inventions du discours. Éditions in Press: Paris, 2006.

SILVA, Carmem Luci da Costa. A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Tese de doutorado.

_____. A criança na linguagem: enunciação e aquisição. São Paulo: Pontes, 2009.